

Resistências ontológicas e epistêmicas: O inegável corpo-ciência das mulheres

Ontological and Epistemic Resistances: The Undeniable Body-Science of Womanhoods

Resistencias ontológicas y epistémicas: El innegable cuerpo-ciencia de las mujeres

Marília Meneghetti Bruhn^{1*} , Oriana Holsbach Hadler² , Pettra Roque Araújo da Silva³ 

Dia 17 de outubro de 2008. Uma jovem de 15 anos é assassinada após passar mais de 4 dias em cárcere privado por seu ex-namorado que não aceitara o término do relacionamento (Boechat, 2026). O nome dela: Eloá Cristina Pimentel. Dezesete anos depois, Patrícia Gonçalves, de 42 anos, é morta a tesouradas e pauladas pelo marido na presença do filho de 5 anos de idade (Pilagallo, 2025). Um mês após esse feminicídio, outra mulher é assassinada com requintes de tortura e crueldade: arrastada pela Marginal Tietê até seu corpo não mais suportar. Tainara Souza Santos, de 31 anos, morreu na véspera do Natal de 2025 (Cruz & Stabile, 2025).

Ao findar do mesmo ano, duas servidoras, Allane de Souza e Layse Costa Pinheiro, também se tornam notícia por suas trágicas mortes: assassinadas por um colega de trabalho que recusava a chefia de mulheres (Grinberg & Gama, 2025). O novo ano tem início e, em 2026, outras são vítimas de crimes horrendos: as mulheres trans Kemilly Bittencourt, assassinada violentamente e encontrada morta esquartejada em uma mata (Costa, 2026), e Alice Martins, cujo relato de seus pais gerou repercussões na mídia ao narrarem sobre como é perder uma filha com tanta brutalidade, revelam que a natureza misógina/machista estruturante da sociedade atinge qualquer prisma das mulheres (Alcântara, 2026; Galera, 2025).

Este termo, cunhado por bell hooks (2019), aborda o ser mulher para além de uma questão atrelada a uma suposta natureza feminina e, ultrapassando noções biológicas, se ancora em questões interseccionais que abrangem múltiplas vivências e experiências de existências (Spaziani et al., 2024). Assim, ao pensarmos em um corpo vivo das mulheres, apontamos um posicionamento que busca e reconhece a pluralidade de modos de habitar e ser no mundo.

Na potência desse conceito, por que começamos pelo peso do número que nos oprime e silencia, dessas mulheres e suas vidas dilaceradas? Globalmente, conforme relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), 137 mulheres são vítimas de feminicídio por dia no mundo (United Nations, 2025). O Brasil, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), ostenta a 5ª maior taxa de feminicídio do mundo, com 4,8 mortes para cada 100 mil mulheres. Segundo o Atlas da Violência (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [Ipea], 2025), nosso país atingiu um índice histórico recordista nesta última década: foram mais de 47 mil mulheres assassinadas.

Somente no 1º semestre de 2025 foram 718 feminicídios registrados no território brasileiro, além de 80 transfeminicídios no ano, o que significa mais de 4 mulheres mortas por dia por razões de gênero (Benevides, 2026; Procuradoria Especial da Mulher, 2025; Ramos, 2022). Neste ano, como forma de reconhecer e lutar contra a violência de gênero, temos a instituição do dia 17 de outubro, dia da morte de Eloá, como o Dia Nacional de Luto e de Memória às Mulheres Vítimas de Feminicídio (Lei n.º 15.334, 2026).

1. Universidade Federal do Sergipe  – Colégio de Aplicação – Aracaju (SE), Brasil.

2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul  – Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana – Departamento de Psicologia Social e Institucional – Porto Alegre (RS), Brasil.

3. Universidade Federal do Delta do Parnaíba  – Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Parnaíba (PI), Brasil.

*Autora correspondente: marilia_bruhn@hotmail.com

Recebido: 6 fev. 2026 | Aceito: 6 fev. 2026

Editora de seção: Heloisa Fleury 

É necessário sabermos desses nomes, dessas datas e dessas mulheres, e abrir este editorial com essa sombria realidade, pois é neste cenário de violência estrutural que a presença e a produção de conhecimento de mulheridades, especialmente no campo das ciências humanas e do psicodrama, assumem um papel de resistência. O Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência, celebrado no dia 11 de fevereiro pela ONU, nos lembra que a desigualdade de gênero e a violência patriarcal impactam também as produções científicas – conhecimentos que estabelecem o que é considerado realidade e que orientam decisões ético-políticas em escala global.

Apenas 33,7% dos pesquisadores no mundo são mulheres, de acordo com a pesquisa *The Gender Gap* da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2024) que considerou dados de 95 países no período de 2018 a 2021, e as mulheres ocupam menos cargos de docência de ensino superior e de gestão acadêmica (Silva et al., 2021).

O efeito tesoura é um fenômeno internacional caracterizado pela sub-representação das mulheres nas ciências, o qual se agrava à medida que a carreira acadêmica avança (Silva et al., 2021). No Brasil, por exemplo, embora as mulheres sejam maioria nas bolsas de mestrado (54%) e doutorado (53%) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, 2026), elas ocupam apenas 35,5% das bolsas de produtividade, destinadas a cientistas com maior destaque na carreira acadêmica (CNPq, 2024). Esse fenômeno é representado por um gráfico em formato de tesoura, não se limitando apenas a estatísticas, frias assim como a superfície da lâmina desse objeto cortante. A tesoura, arma utilizada em feminicídios como o de Patrícia e para simbolizar a desigualdade de gênero nas ciências, é o reflexo mais brutal de uma estrutura que nega a existência das mulheridades, começando pelo seu corpo e culminando na sua voz e capacidade de produzir conhecimento. Não há ciência que prospere onde a vida é negada.

Ao discorrer sobre vidas negadas, estamos falando não apenas das materialidades de corpos que são dilacerados em feminicídios e transfeminicídios, mas também do que é considerado como vida (Butler, 2015). Como escreve Conceição Evaristo (2021, p. 109): “eu sei que não morrer, nem sempre é viver”; mulheridades que não podem ser autoras de suas próprias existências, aprisionadas por normas e organizações patriarcais, não são reconhecidas como vidas vivíveis, mas como sujeitas precárias e violáveis, que não têm a possibilidade de contar as suas histórias e produzir conhecimentos sobre si próprias e o mundo. Não há separação entre vida e escrita, entre vida e produção de conhecimento (Anzaldúa, 2000); publicizar escritas e pesquisas das mulheridades é um ato de resistência ontológica e epistêmica.

Quando falamos de mulheres na pesquisa em psicodrama, nos remetemos à representação de Zerka Moreno como sendo o marco das mulheridades no que se refere ao ser feminino espontâneo, autêntico e criativo que não fica nos bastidores, mas vai à luta por um legado psicodramático que abriga as mulheres em suas diversidades (Berquó, 2025; Coelho, 2018). Contudo, por muito tempo, a perspectiva androcêntrica também predominou na história e na teoria psicodramática, majoritariamente reconhecida pela autoria de homens cis brancos.

O criador do psicodrama, Jacob Levy Moreno, em sua autobiografia, fez referências às “musas” que inspiraram a sua obra (Moreno, 1997). As musas, de acordo com a mitologia grega, são filhas de Zeus, fontes divinas de inspiração criativa, artística e científica (Mello, 2023). Apesar de Marianne Lornitzo, Gertrude Franchot, Florence Bridge, Grete Leutz e Zerka Toeman Moreno terem contribuído para a construção de ideias e conceitos psicodramáticos e para a sistematização e produção escrita da socionomia, elas são retratadas apenas como inspirações de produções intelectuais ao invés de autoras, produtoras de conhecimentos (Marineau, 1989).

Logo, o papel social de musa atribuído a mulheres contribui para a manutenção de uma lógica patriarcal, na qual as mulheres são frequentemente objetificadas, sexualizadas e desprovidas de autonomia autoral. Paradoxalmente, ao atribuir características de deusas – musas – a importantes mulheres autoras do psicodrama, simbolicamente parte de sua potência humana criativa é negada.

Entretanto, a metodologia socionômica, com sua ênfase na espontaneidade, na criatividade e na ação, é um solo fértil para a crítica feminista. Do Sul Global ecoam as vozes necessárias que rompem com a hegemonia eurocêntrica do saber. Pensadoras latino-americanas, como a peruana Virginia Vargas (2024) e a mexicana Sayak Valencia (2025), falam em “desobediência epistêmica” contra as hierarquias do conhecimento, construindo feminismos plurais baseados na busca pela autonomia e em categorias “sentipensantes” (Ribeiro, 2023). No Brasil, psicodramatistas têm articulado o psicodrama

à crítica da conserva cultural patriarcal, revelando como as lógicas sociais opressoras se manifestam e se reproduzem nos papéis femininos como Maria da Penha Nery, Pettra Roque da Silva, Gabriela Vidal e Laura Vomero (Silva & Vomero, 2025; Vidal & Dias, 2023; Vomero & Nery, 2023, 2024).

No primeiro número da Revista Brasileira de Psicodrama (RBP), há mais de 35 anos, aproximadamente 70% dos autores eram nomeados por pronomes masculinos (Naffah et al., 1990). Já em 2025, um ano antes de a RBP ser qualificada com Qualis Capes A3, mais de 83% da autoria dos artigos publicados foi de pessoas que se nomeiam com pronomes femininos ou não binários. Além do aumento da representatividade na autoria de artigos, atualmente, a RBP tem mais de 72% do seu corpo editorial composto por mulheres e pessoas não binárias, sendo que os papéis de editor-chefe da revista, cargo de liderança que predominantemente é ocupado por homens em periódicos científicos (Araújo et al., 2025), são desempenhados por duas mães pesquisadoras.

Apesar do florescimento de produções críticas feministas, ainda há desafios em acolher a diversidade de interseccionalidades que compõem o corpo-ciência das mulheres. Essa crítica deve ser radicalmente inclusiva, acolhendo as intersecções de raça, classe e identidade. A contribuição da Teoria Queer e o posicionamento a favor das mulheres transgênero e das travestilidades são cruciais, pois demarcam um lugar no que tange às interseccionalidades e à ancestralidade no transativismo pela cidadania e pelo cuidado (Rodrigues et al., 2026).

Ao questionar a rigidez binária de gênero, a Teoria Queer permite que o psicodrama se torne um palco para a multiplicidade das existências, estimulando o protagonismo identitário de mulheres que foram historicamente excluídas e violentadas pela cisnormatividade. O trabalho com mulheres trans, conforme a literatura psicodramática tem explorado, é um ato de recuperar a vitalidade do corpo em ação e transformar um contexto social excludente. O Brasil, infelizmente, é o país que mais mata pessoas trans no mundo por mais de uma década consecutiva (Benevides, 2026), o que torna essa urgência ainda mais pungente.

Para que a ciência seja aberta, democrática e plural, ela deve reconhecer as epistemologias situadas, valorizando os saberes produzidos a partir de corpos e experiências marginalizadas (Soja & Giacomassi, 2025). Tal perspectiva converge com a crítica de um feminismo palestino de Sarah Ihmoud (2022), que denuncia a inexistência de neutralidade científica sob estruturas coloniais e patriarcais, propondo uma ciência que emergja de uma práxis decolonial na qual o corpo é reconhecido como o primeiro território de resistência.

Ihmoud (2022) aprofunda essa reflexão ao colapsar a distinção liberal entre o íntimo e o político, argumentando que as experiências de violência, cuidado e sobrevivência no espaço da intimidade não são meros detalhes biográficos, mas sim o cerne da teorização política. Dessa forma, a urgência de uma ciência que compreenda as desigualdades de gênero reside na capacidade de enxergar como o poder se manifesta nas escalas mais microscópicas da vida. Somente ao politizar a intimidade e desafiar a “política de eliminação”, que se manifesta tanto na ocupação territorial quanto no racismo e sexismo acadêmico, é que poderemos produzir saberes que rompam com as lógicas de morte e permitam a emergência de epistemologias comprometidas.

A mensagem é nítida: a ciência está incompleta e distorcida sem a participação plena, reconhecida e segura de todas as mulheres – cisgênero, transgênero, gênero dissidentes, negras, indígenas, do Sul Global. A ciência não existe sem as mulheres e as diversidades de gênero, pois, sem suas perspectivas, ela não passa de um monólogo autoritário e excludente. Assentir o conhecimento das mulheres é um imperativo ético e um passo fundamental para transformar a conserva cultural que hoje nos mata.

CONFLITO DE INTERESSE

Nada a declarar.

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

Conceitualização: Bruhn MM, Hadler OH, Silva PRA; **Metodologia:** Bruhn MM, Hadler OH, Silva PRA; **Análise formal:** Bruhn MM, Hadler OH, Silva PRA; **Investigação:** Bruhn MM, Hadler OH, Silva PRA; **Escrita:** Bruhn MM, Hadler OH, Silva PRA; **Aprovação final:** Bruhn MM.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

REFERÊNCIAS

- Alcântara, F. S. (2026). Necropolítica e LGBTQIAPN+ fobia no Brasil: a omissão do Estado como estratégia de gestão da morte. *COR LGBTQIA+*, 1(10), 26-42. <https://doi.org/10.56579/cor.v1i10.2458>
- Anzaldúa, G. (2000). Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, 1, 229-236. <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/anzaldua.pdf>
- Araújo, L., Silva, E., Silva, J., & Araújo, R. (2025). Gênero e editoração científica: desigualdades estruturais e a sub-representação feminina em posições de liderança. *Anais do VII Seminário Internacional de Informação, Tecnologia e Inovação*, Maceió, AL, Brasil. <https://observinter.al.org.br/index.php/siti/article/view/241>
- Benevides, B. G. (2026). *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2025*. Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2026/01/dossie-antra-2026.pdf>
- Berquó, M. L. C. (2025). Violência de gênero e psicodrama: revisão integrativa da Revista Brasileira de Psicodrama. *Revista Brasileira De Psicodrama*, 33. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v33.709>
- Boechat, G. (2026, 10 de janeiro). Lula sanciona lei que cria dia de luto e memória a vítimas de feminicídio. *CNN Brasil*. <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/lula-sanciona-lei-que-cria-dia-de-luto-e-memoria-a-vitimas-de-feminicidio/>
- Butler, J. (2015). *Corpos que importam*. Sapere Aude.
- Coelho, M. I. T. P. (2018). Zerka Moreno: a delicadeza do feminino, um legado. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 26(1), 148-151. <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/60>
- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (2024). *Chamada de bolsas de produtividade*. <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiNGJiZTU1ZmEtMmM0YS00NTI5LWlZnNjgtODIzMTE4MGVhN2VklwiidCI6IjkyYzBjZmE5LTdlOTEtNGVhZC1hYzI5LWNkNDRhMjM4OWIwMSJ9>
- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (2026). *Mapa de fomento em ciência, tecnologia & inovações - bolsas e projetos vigentes*. <http://www.bi.cnpq.br/painel/mapa-fomento-cti/>
- Costa, V. (2026, 3 de janeiro). Mulher trans é morta por companheiro em Três Rios. *Entrerios Jornal*. <https://www.entreriosjornal.com/2026/01/mulher-trans-e-morta-por-companheiro-em.html>

- Cruz, A., & Stabile, A. (2025, 24 de dezembro). Morre mulher atropelada e arrastada na Marginal Tietê. *G1 São Paulo*. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/12/24/morre-mulher-atropelada-e-arrastada-na-marginal-tiete.ghtml>
- Evaristo, C. (2021). Narrativas de (re)existência. In A. A. Pereira (Org.), *Narrativas de (re)existência: antirracismo, história e educação* (pp. 23-48). Unicamp.
- Galera, D. (2025, 19 de novembro). Caso Alice: “Estou com medo porque os agressores ainda não foram presos”. *O Tempo*. <https://www.otempo.com.br/cidades/2025/11/19/caso-alice-estou-com-medo-porque-os-agressores-ainda-nao-foram-presos-disse-pai-da-vitima>
- Grinberg, F., & Gama, M. (2025, 28 de novembro). Doutora em Letras e primeira colocada em concurso: saiba quem são as servidoras do Cefet mortas a tiros por colega dentro da unidade. *O Globo*. <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2025/11/28/doutora-em-lettras-e-primeira-colocada-em-concurso-saiba-quem-sao-as-servidoras-do-cefet-mortas-a-tiros-por-colega.ghtml>
- hooks, B. (2019). *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (6a ed.). Rosa dos Tempos.
- Ihmoud, S. (2022). Palestinian feminism: analytics, praxes and decolonial futures. *Feminist Anthropology* 3(2), 284-298. <https://doi.org/10.1002/fea2.12109>
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2025). *Atlas da Violência 2025*. Ipea. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5999-atlasdaviolencia2025.pdf>
- Lei n.º 15.334, de 8 de janeiro de 2026. (2026). *Institui o Dia Nacional de Luto e de Memória às Mulheres Vítimas de Feminicídio*. <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/15657>
- Marineau, R. (1989). *Jacob Levy Moreno (1889-1974): pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo*. Ágora.
- Mello, L. (2023). A invocação das Musas e o encantamento do mundo. *Sacrilegens*, 20(1), 167-181. <https://doi.org/10.34019/2237-6151.2023.v20.41385>
- Moreno, J. L. (1997). *Jacob Levy Moreno: autobiografia* (L. Cuschnir, Trad.). Ágora.
- Naffah, A., N., Gonçalves, C. S., Bustos, D. M., Santos, G. S., Gonçalves, J. A. N., N., Fonseca, J., F., Cuschnir, L., Romaña, M. A., von Zuben, M. A. N. A., Santos, P. S. A., Perazzo, S., Crelier, V. de L. (1990). *J. L. Moreno: o psicodramaturgo (1889-1989)*. Casa do Psicólogo.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (2024). The gender gap in science: status and trends. *Unesco*. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000388805>
- Pilagallo, S. (2025, 10 de novembro). Homem mata ex-companheira na frente do filho de cinco anos em Franco da Rocha (SP). *SBT Brasil*. <https://sbtnews.sbt.com.br/noticia/policia/homem-mata-ex-companheira-na-frente-do-filho-de-cinco-anos-em-franco-da-rocha-sp>
- Procuradoria Especial da Mulher. (2025, 17 de dezembro). *Mapa Nacional da Violência de Gênero*. <https://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/noticias/mapa-nacional-da-violencia-de-genero-aponta-alta-nos-casos-de-feminicidio>
- Ramos, E. E. A. (2022). Transfeminicídio: genealogia e potencialidades de um conceito. *Revista Direito e Práxis*, 13(2), 1074-1096. <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2022/66950>
- Ribeiro, D. F. (2023). A decolonialidade na pesquisa e prática psicodramáticas: pela superação de epistemicídios históricos. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 31, 1-12. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v31.596>
- Rodrigues, J. da S., Pinho, H. E. S., Carvalho, D. L., Silva, P. R. A., Silva, R. L. A., & Souza, T. S. (2026). Travestilidades negras construindo confluências na saúde mental: um relato de experiência. *COR LGBTQIA+*, 2(10), 300-313. <https://revistas.ceeinter.com.br/CORLGBTI/article/view/1938>
- Silva, E., Wenzel, I., & Alvarenga, E. (2021). A representatividade feminina e o exercício da docência no ensino superior. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*. 23(3), 577-600. <https://doi.org/10.12957/irei.2021.64912>
- Silva, P. R. A., & Vomero, L. de S. Z. (2025). Sociodrama na visibilidade trans: estimulando o protagonismo identitário. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 33, 1-11. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v33.693>

- Soja, A. C., & Giacomassi, P. C. (2025). Mulheres na ciência ontem e hoje: ausência e invisibilidade em espaços de produção intelectual. *Revista Educar Mais*, 9, 1-13. <https://doi.org/10.15536/reducarmais.9.2025.4090>
- Vargas, V. (2024). La construcción del horizonte feminista latinoamericano en el siglo XXI: una nueva geopolítica del conocimiento. *Brazilian Journal of Latin American Studies*, 23(49), 125-146. <https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.226476>
- Vidal, G. P., & Dias, A. R. (2023). O feminino em jogo: a concepção de mundo de mulheres gamers. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 31, 1-13. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v31.625>
- Vomero, L. S. Z., & Nery, M. P. (2023). Uterodrama: descolonizando corpo e menstruação. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 31, 1-10. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v31.597>
- Vomero, L. S. Z., & Nery, M. P. (2024). Escola da anarquia: psicodrama e letramento LGBTQIA+ e racial. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 32, 1-13. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v32.660>